

Celma Paese
Mestre Arquiteta
celmapaese@
gmail.com

Walking Mattatoio: uma experiência de acolhimento

Walking Mattatoio: a hosting experience

Resumo: O texto abaixo relata a experiência e os resultados dos quatro dias do *workshop* Walking Mattatoio, que realizei como professora visitante junto ao Laboratório de Arti Civiche - dirigido pelo Professor Francesco Careri - na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma 3, no Matattoio de Testaccio em Roma, Itália, em Setembro de 2013.

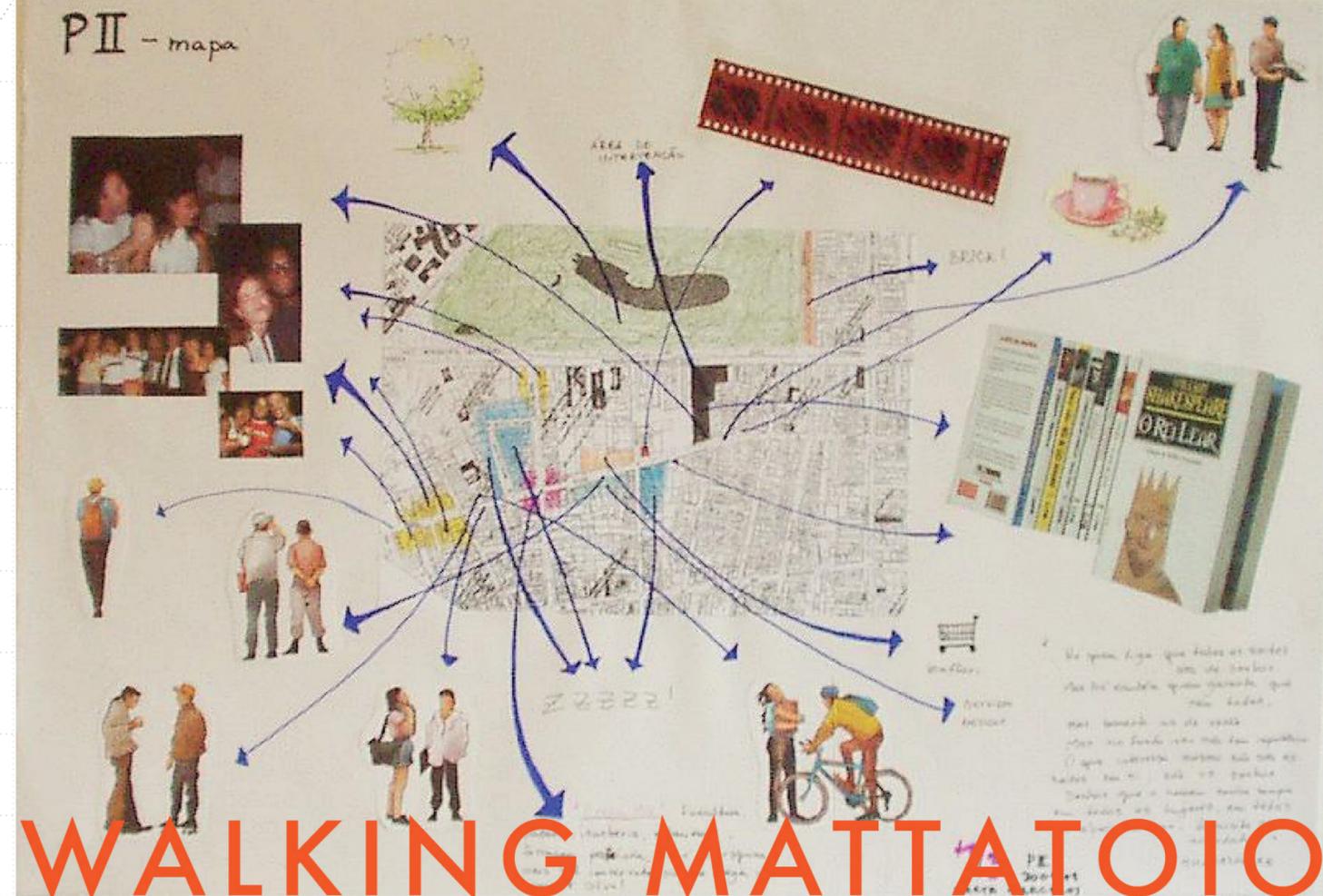
Palavras-chave: *workshop*; *derivas*; *acolhimento*

Abstract: The text relates the experience and results of the four-day *workshop* Walking Mattatoio, I conducted as a visiting professor at the Laboratorio Arti civiche - led by Professor Francesco Careri - at the Faculty of Architecture of the University Rome 3, at Matattoio di Testaccio in Rome, Italy, in September 2013.

Keywords: *workshop*; *drifts*; *welcome*

O *workshop* Walking Mattatoio (foto 1) realizou-se na Faculdade de Arquitetura de Universidade degli studi Roma 3, entre 17 e 20 de setembro de 2013, como atividade de extensão do Laboratório Arti Civiche – LAC. Ministrei o *workshop* junto com o Prof. Francesco Careri, diretor do laboratório. O LAC é um laboratório de extensão e pós-graduação filiado à Faculdade de Arquitetura de Roma 3 e tem como objetivo estudar, em conjunto com grupos sociais e comunidades locais, uma visão coletiva e compartilhada do espaço urbano – este é o significado de “Arte Cívica”.

O *mattatoio* (tradução: matadouro) (foto 2) hoje em desuso, fazia parte do complexo do antigo Porto Fluvial de Roma. Era o lugar onde eram armazenados, mortos e distribuídos animais (suínos e bovinos) para a região. Projeto do Arquiteto Giocchino Ersoch, o *mattatoio* foi



workshop di esplorazione e mappatura psicogeografica dell'area dell'ex Mattatoio di Testaccio a Roma
a cura di Celma Paese e del LAC_Laboratorio Arti Civiche

17 - 20 settembre 2013

Docenti di riferimento: Celma Paese (PROPAR-UFRGS, Porto Alegre - BR) e Francesco Careri (Roma TRE)
Coordinamento studenti: Valentina Milan e Maria Rocco (LAC)

info: <http://www.articiviche.net>

CALL FOR PARTICIPANTS

Al bando possono partecipare gli studenti regolarmente iscritti, i laureandi del vecchio ordinamento e i neolaureati degli ultimi tre anni. Il numero massimo è di 15 partecipanti.

Le **domande di iscrizione** dovranno pervenire presso:

LAC_Laboratorio Arti Civiche, Sala Lombardi, via Madonna dei Monti 40 - 00184 Roma
o via e-mail a: LaboratorioArtiCiviche@googlegroups.com

entro le 13.00 del 16 settembre

Dovranno essere presentati in formato A4:

- un modulo di richiesta contenente nome, cognome, matricola, recapiti telefonici, e-mail, la dichiarazione di iscrizione ad un corso di laurea o la data di avvenuta laurea, la dichiarazione di conoscenza della lingua inglese.

- una pagina contenente le motivazioni per la partecipazione, con riferimento al tema del seminario, riportando eventuali esperienze su temi simili.

Sulla base delle richieste inviate, una commissione presieduta dai docenti responsabili sceglierà i 15 partecipanti. I risultati saranno resi noti tramite e-mail.

La partecipazione al workshop comporta la presenza assidua 17 al 20 settembre e dà la possibilità di ottenere crediti formativi (CFU).



Foto 2 – Fotografia do Google Earth da área do Mattatoio de Testaccio e Campo Borio

concluído em 1889 e colocado em operação nos primeiros meses de 1890. Na época Roma contava com 430.000 habitantes.

O pórtico principal de ingresso do *mattatoio* dá acesso ao Campo Boarium, onde eram armazenados os animais para o abate. O pórtico conta com três aberturas: a primeira no prédio central do pórtico que era utilizado pelos guardas e funcionários administrativos e duas aberturas laterais para a entrada de um grande número de animais. O pórtico de acesso é cercado por dois edifícios laterais de dois andares: ao lado direito abrigava a residência do diretor, sala de reuniões e administração; ao lado esquerdo a sede dos escritórios de saúde, inspeção e controle dos animais. Na lateral do edifício da direita localizavam-se as casas de banho e no da esquerda as fábricas para o processamento de sangue. Os estábulos para o gado circundavam o campo.

O gado vinha marchando do Campo Boarium e ingressava no grande espaço interior que configurava ambiente real de abate: à esquerda havia o campo para o processamento de carne de porco e à direita o abate da carne de gado. A saída da carne processada se dava pelo pórtico traseiro do complexo, em frente à ponte Testaccio.

O *mattatoio* foi fechado em 1975, quando Roma já contava com 3.000.000 de habitantes. Hoje, o *mattatoio* é um local de interesse cultural. Abriga parte da Faculdade de Arquitetura de Roma 3 e parte da Academia de Belas Artes, espaços de exposições do Museu de Arte Contemporânea de Roma – MACRO – e outros usos que serão citados no decorrer deste texto.

O objetivo deste *workshop* foi apropriação espacial dos locais abandonados e sem uso oficial do complexo do *mattatoio* através da deriva, método utilizado em meu *workshop* e pelo LAC, para o mapeamento dos níveis e formas de hospitalidade e acolhimento do local, através de cartografias influenciadas que originaram aos Contramapas de hospitalidade e acolhimento do *mattatoio*, que foram expostos na exposição que finalizou o *workshop*.

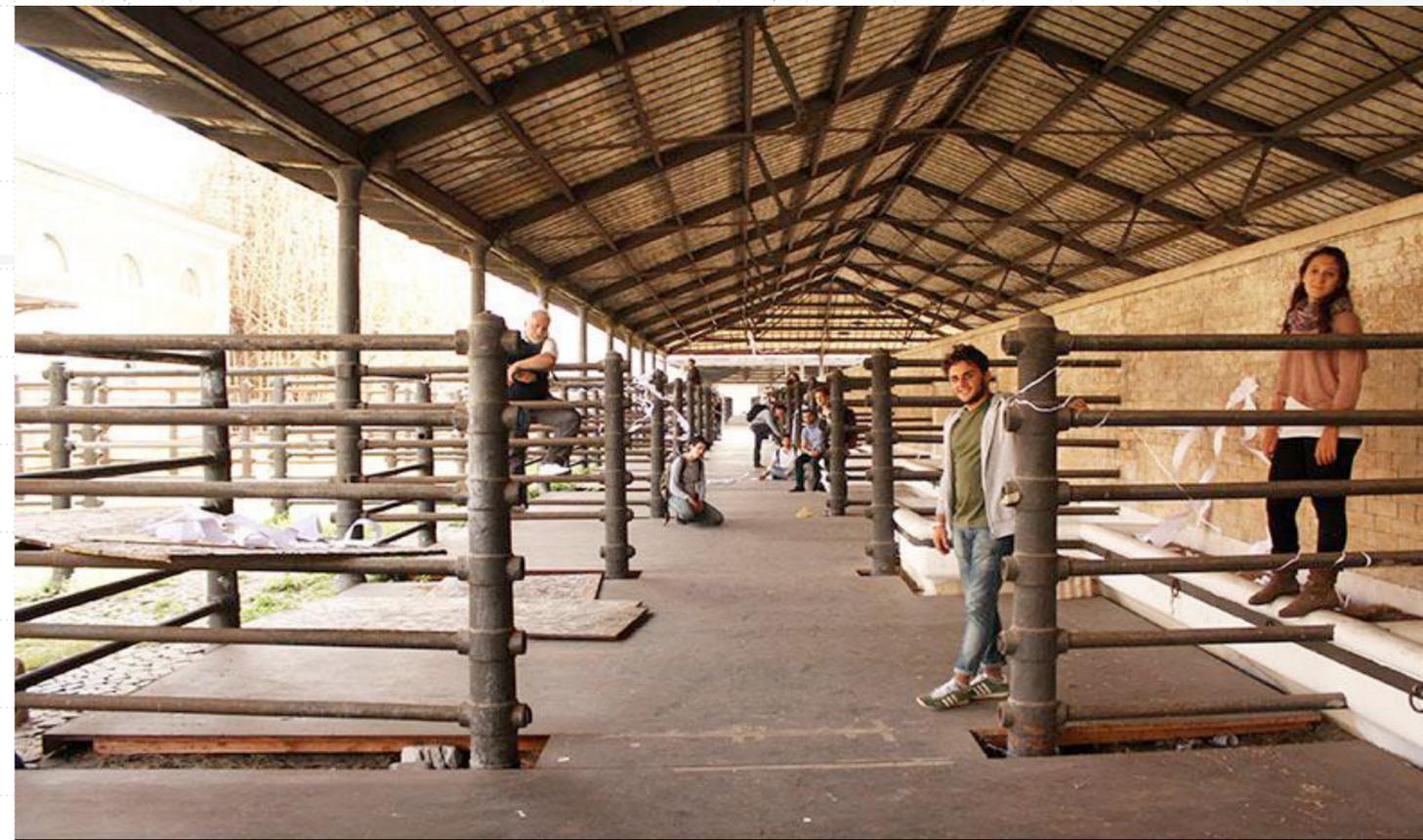


Foto 3 – Nosso grupo: alunos e professores do LAC no primeiro dia do workshop no mangiatoio do Mattatoio de Testaccio

O lugar escolhido para o *workshop* foi um dos prédios do mangiatoio dos porcos do antigo *mattatoio*. Vizinho aos edifícios ocupados pela escola de arquitetura, o pavilhão é dividido em baias. Cada participante apropriou-se de uma das baias para desenvolver as atividades propostas durante o *workshop* (foto 3).

CAMINHANDO

A primeira atividade em grupo de meu *workshop* chama-se Caminhando (foto 4). O objetivo é o mergulho do sujeito no processo criativo e a integração do grupo a partir do mapeamento interior individual que se integra em um todo pela interação entre os participantes.

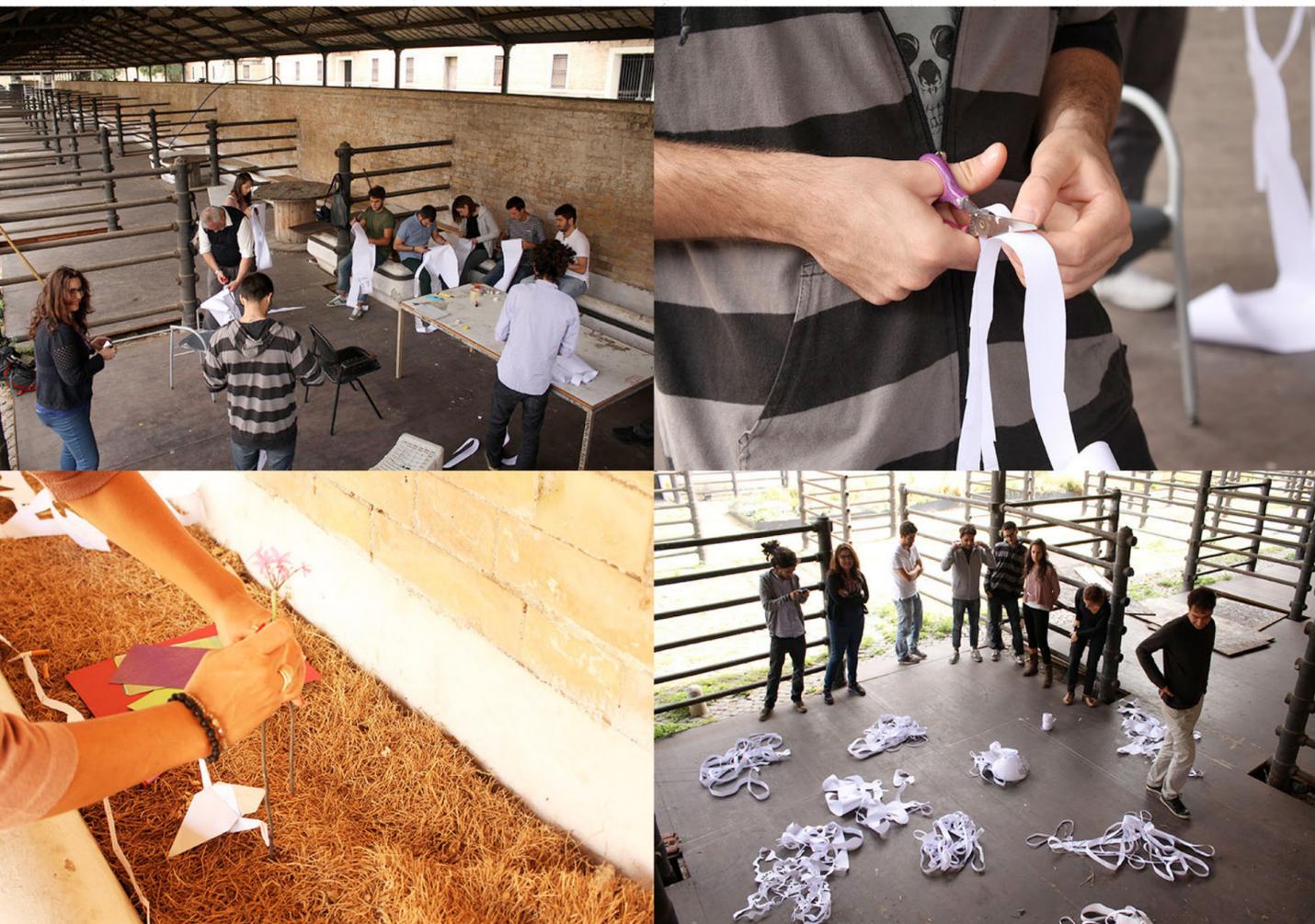
Caminhando é a reinterpretação de atividade de Arte Terapia criada por Lygia Clark nos anos 60, começa quando se constrói uma curva de Moebius com uma fita de papel. O participante perfura a fita com uma tesoura e a corta longitudinalmente, percorrendo toda a extensão do papel, até o esgotamento das possíveis trajetórias. É preciso prestar atenção

para não recair no corte já feito – o que separaria a faixa em dois pedaços. Ao terminar de dar a volta, a escolha entre ir para a direita ou para a esquerda do corte é fundamental. À medida que a faixa é desconstruída, ela se afina e se desdobra em entrelaçamentos, que no final se transforma em um caminho estreito. É o fim. Após a cortar a fita de Moebius, cada espectador-participante descreve e troca sua experiência com o grupo. Neste momento é criada a integração das experiências, possibilitando a concretização de um segundo ato entre as vidas presentes: o ato de troca e interatividade entre as fitas (ou vidas). Este segundo ato cria a cartografia das vidas presentes, entrelaçadas em um grande conjunto lúdico. Os materiais como papéis, fotos, pinturas e objetos, que são agregados às cartografias individuais e assumem o papel de símbolos cartográficos.

Após a conversa e troca de experiências de Caminhando, o grupo chegou à conclusão que cada participante iria interferir em sua “vida” conforme o andamento das próximas etapas do *workshop*.

DERIVA

Depois do almoço na osteria vizinha ao *mattatoio*, o grupo reuniu-se no mangiatoio e, munidos de um mapa (foto 5) saímos em direção ao empório de produtos orgânicos que dá passagem ao Campo Borio. Atravessamos o empório. À direita da saída do empório, alguns prédios abandonados e à esquerda, bem mais longe, outra linha de prédios abandonados. Encontramos à nossa frente uma linha de tapumes dividindo o Campo em duas partes e formando um “bolsão” que isola a Academia de Belas-Artes dos acontecimentos do entorno: A linha de tapumes segue de fora a fora formando um muro que divide o uso oficial do não oficial: De um lado, o câmpus da Roma 3, com a Faculdade de Arquitetura e a Isolada Academia de Belas-Artes, do outro lado os prédios do antigo gasômetro e dos antigos depósitos dos animais, aparentemente abandonados e que servem de abrigo



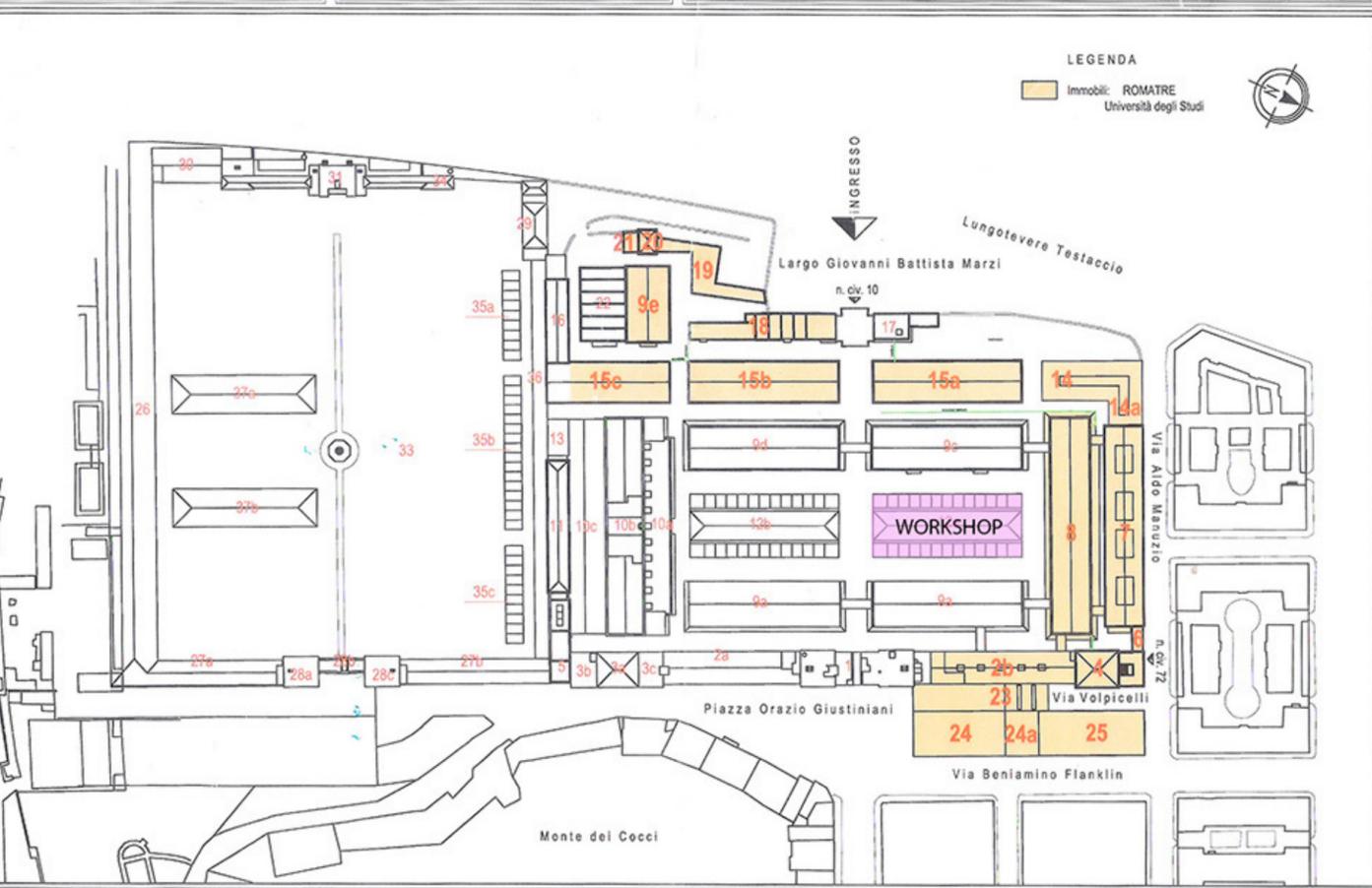


Foto 5 – Mapa da área do Mattatoio de Testaccio e Campo Borio: Os edifícios em laranja sinalizam a área ocupada pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma 3 e o edifício em rosa o mangiattoio, local do workshop. Os demais edifícios são utilizados por ocupações

para os cavalos que circulam pelo centro histórico durante o dia e o Ararat, nome da área ocupada pela comunidade de imigrantes curdos que vivem no local. No centro de tudo um Panóptico, que servia para vigiar os animais e os eventos que ocorriam no antigo Campo.

Batemos no portão de acesso à Academia de Belas Artes e fomos recebidos por um guarda do local que não deu permissão para o grupo entrar, nem mesmo quando o Careri se identificou como pro-

fessor da vizinha Faculdade de Arquitetura. “Precisa de uma permissão especial” disse ele “cumpro ordens”.

Sem chance de entrar na academia fomos adiante seguindo a linha de tapumes. Encontramos parte dela cobrindo o acesso para o outro lado do campo. Removemos parte desses tapumes criando uma passagem. Ao cruzá-la, nos deparamos com os edifícios que abrigavam os pavilhões de depósito de animais, uma belíssima arquitetura literalmente caindo aos pedaços. Alguns sem uso, outros servindo como baias aos cavalos que puxam as charretes dos turistas no centro histórico. Entramos em um dos pavilhões onde só havia alguns montes de feno e um cheiro forte de bosta. Naquele momento, um dos homens que cuida os cavalos entrou pavilhão adentro e perguntou o que estávamos fazendo ali, o que queríamos. Com fala agressiva, deixou claro que não éramos bem vindos. Sem sucesso na tentativa de diálogo, seguimos adiante.

Continuamos caminhando e entramos na área ocupada pelo Ararat, nome dado ao espaço ocupado pela comunidade curda local.

O povo curdo é originário de uma região que não consta em mapas oficiais, o Curdistão, que se divide entre Turquia, Armênia, Síria, Geórgia, Iraque e Irã. Os curdos falam as línguas destes países, mas alguns poucos ainda falam a língua curda, relegada em seu território natal ao uso doméstico, assim como também são os seus costumes. Ironicamente, a agonia desta cultura foi o que uniu os que foram em busca de novas terras. E assim, nos anos 60 do Século XX tem início a diáspora curda.

Ao imigrar para os países da UE em busca de asilo, os curdos passaram a desafiar o dogmatismo do logos europeu. Falando línguas estranhas entre eles e estranhas à língua de direito dos países onde reivindicam asilo, os curdos temem ser tratados como invasores: convivem com o fantasma da incompreensão dos donos da terra

[1] "Mamma Roma" é um filme do cineasta italiano Pier Paolo Pasolini realizado em 1962. O filme conta a história de uma prostituta que sonha em mudar de vida e de melhorar a sua classe social, o que permitiria voltar a viver com o filho Ettore. Para tanto, decide se casar com seu ex-gigolô, Carmine. O filme é objeto de estudo de pesquisadores de cinema, pelo fato de seus planos e angulações serem fortemente inspirados nos afrescos de Giotto e Caravaggio." Ver em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Mamma_Roma

aonde chegam. Nestas circunstâncias, eles sentem-se ameaçados pelo fantasma da deportação, o que, pressupostamente, pode acontecer a qualquer momento.

No coração da Mamma Roma^[1], os curdos encontraram um lugar para ficar em Ararat, nome por eles dado àquele local e que nada tem de casual: quem foi criado dentro da tradição judaico-cristã sabe que Ararat é o nome do lendário monte onde Noé atracou a Arca depois do dilúvio universal. Portanto, Ararat – lugar do recomeço, da segunda chance, um lugar do renascimento – é um nome mais do que apropriado para batizar um lar de exílio.

A arca do Curdistão atracou em Ararat em maio de 1999 ao lado do pórtico de entrada do Campo Boario, no prédio que antigamente abrigava o veterinário que atendia os animais que chegavam para serem mortos. Aquele povo vindo de um país extinto encontrou o seu espaço de hospitalidade e acolhimento na velha capital da Roma imperial. A arquitetura até então abandonada, renasceu e foi rebatizada Ararat, um logotipo verdadeiro, onde um povo sem lar encontra um lar. Aos que chegam e são reconhecidos por sua linhagem e etnia, as portas se abrem. Os que ficam passam a fazer parte de uma família, que busca resgatar e preservar o que restou da pátria.

A comunidade vive no entorno do antigo pórtico do Campo Boario: nos edifícios vizinhos ao pórtico, alguns, ainda em tendas e outros em trailers localizados no entorno do campo, vizinhos à linha de trem que vai de Roma em direção ao Aeroporto de Fiumicino. Imediatamente ao lado do pórtico situa-se o centro de convívio, que tem sua espacialidade organizada conforme a cultura curda: conta com uma sala de chá, uma cozinha comunitária, barbearia, e uma sala de leitura onde é possível ler publicações relacionadas aos curdos e ver TV em língua curda. No meio do pátio encontramos um jardim que lembra um oásis. O lugar invoca paz e sossego, com sua vegetação exube-

rante e seu centro de bancos de pedra formando um círculo. O jardim convida a sentar, ficar e conversar. O jardim acolhe a quem chega.

Como os curdos, nosso grupo chegou de forma inesperada em Ararat, assim como chegamos da mesma forma em outras ocupações do Matattoio, que ofereceram condições muito pouco hospitaleiras de acolhimento.

Nossa chegada criou um espaço de tensão, desacomodando as pessoas que estavam tomando sol em frente à barbearia, os que jogavam gamão e aqueles que conversavam enquanto bebiam chá; passaram a nos observar. Entramos no jardim enquanto Careri conversava com um deles, talvez fosse um dos líderes. Nós então sentamos nos bancos em círculo no centro do oásis.

Assim que a conversa encerrou entre eles, Careri anunciou que nos seria oferecido um chá de menta. O ato de oferecer o chá acolheu e dissipou o espaço de tensão. Naquele instante, o espaço-tempo de permeabilidade entre os hóspedes e os hospedeiros ali presentes passou a existir – o espaço do sim – possibilitando abertura, troca e entendimento entre todos (foto 4).

O chá de acolhida no oásis hospitaleiro fez das diferenças culturais o motivo do convívio. Todos ali eram estrangeiros. Continuando a cumprir seu destino, Mamma Roma foi mais uma vez a anfitriã de um inusitado encontro: a brasileira que tomou um delicioso chá naquela tarde – e sentindo-me em casa – acrescentei em minha cartografia de vida, um pedaço do Oriente Médio, na Itália. Depois do chá, seguimos a deriva.

Continuamos a caminhada saindo pelo pórtico do Campo Boario, entrada do Ararat. Em frente ao pórtico, tem um estacionamento, que utilizaremos como referência espacial. Dobrando à direita e seguindo o muro do complexo do *mattatoio*, no caminho entre o estacionamento e o mesmo, dobramos, outra vez, à direita. O muro passa a seguir em diagonal à ferrovia, e cruza o Rio Tevere, paralelo à Ponte Testaccio

e ao lado oposto do complexo. A ferrovia segue para o oeste, ligando o centro da cidade ao aeroporto e arredores. Junto ao muro encontram-se vários trailers alinhados onde mora parte da comunidade curda. Não havia nenhum residente, além dos cães que os guardavam, todos muito bem cuidados e alimentados. Defronte aos trailers havia móveis, objetos de decoração e utensílios domésticos, que mostravam um pouco do modo de vida daquela comunidade: compartilhavam entre si mais do que uma busca por um lar em terras longínquas. Paralelo aos trailers, do outro lado do caminho, um pomar de pessegueiros, com seus frutos maduros e algumas folhagens. Fomos até o final do caminho, que é interrompido pela ferrovia. Ao voltar, colhemos pêssegos maduros e perfumados. Voltamos passando novamente entre o estacionamento e o pórtico. Ao final do estacionamento dobramos à direita e seguimos em direção ao Monte Testaccio.

O nome do *mattatoio* vem do Monte Testaccio ou Monte dei Cocci, que se localiza defronte ao mesmo. Testaccio significa em latim cabeça, ou de barro. O nome foi dado devido ao material com que o monte foi artificialmente criado: cacos (cocci) de cerca de 25 milhões de ânforas descartadas do porto vizinho, à margem do Rio Tevere. O Monte Testaccio um perímetro de 700 metros, seu cume atinge uma altura máxima de 30 metros (54 em relação ao nível do mar) e uma área de aproximadamente 22.000 metros quadrados.

Graças às datações das manufaturas e as especificações comerciais encontradas nos fragmentos de cerâmica, é possível estimar a data da descarga de entre 140 AD e metade do terceiro século. A maioria dos vasos empilhados, provavelmente 4/3 dos fragmentos, é do óleo Amphorae betiche (Bética era uma província romana situada na atual Andaluzia) e os demais fragmentos são ânforas de óleo Africano.

Mas a memória da montanha e em torno do local está relacionada, sobretudo com as festividades do carnaval, o ludus Testaccie, do-

cumentado pela primeira vez em 1256, durante o pontificado de Alexandre IV. A festa, muito animada e sangrenta, tinha seu auge quando animais como porcos, bois e javalis eram atirados pelos nobres, morro abaixo, para o povo que os disputava com lutas de espadas para ficar com a carne. Têm-se registros que a festividade ocorreu até o ano de 1470, quando, por ordem de Paulo II, o Monte passou a ser o ponto de chegada da Via Crucis, na Sexta-Feira Santa.

Mais tarde, o Monte passou a ser um lugar privilegiado para os famosos banquetes gastronômicos de Outubro, os *Ottobrate* romanos. Nesta época, em torno dos anos de 1660, Peter Ottini e Domenico Coppitelli compraram o terreno ao redor do morro para abrir “pequenas cavernas”, que foram ocupadas por tabernas onde celebravam a festa delle mozzatore – mulheres que espremiam a uva com os pés – na época da vindima. As tabernas foram aumentando gradualmente em número. Hoje, o monte é rodeado de restaurantes e casas noturnas, alguns ainda remanescentes e ocupando o espaço das antigas tabernas. A *Ottobrata* foi resgatada recentemente, em forma de evento cultural e enogastronômico, pela comunidade local, na Piazza Santa Maria Liberatrice, no mesmo bairro.

Durante a Segunda Guerra Mundial, havia também uma bateria de canhões antiaéreos, que foi desmantelada no final do conflito. São ainda visíveis restos de quatro plataformas da bateria.

Chegamos à rua que circunda a base do monte Monte Testaccio, defronte ao *mattatoio*. Havia poucos comércios abertos naquele horário e, como o Monte não tem um acesso direto por aquele lado, procuramos acessá-lo pelo telhado de um dos bares que estava fechado. Parte do grupo já estava no telhado de um dos bares, quando funcionários da prefeitura que estavam trabalhando na rua disseram que não seria possível entrar ali, pois seria considerada uma invasão. Sugeriram que o grupo tentasse o acesso por um portão que existe do

outro lado do monte, onde encontraríamos um telefone, com o número do órgão da prefeitura onde pode ser solicitado o acesso ao monte.

Seguimos em direção ao portão circundando o monte. Ao encontrá-lo tentamos ligar para os números e não conseguimos comunicação. Resolvemos tomar um café do outro lado da rua enquanto parte do grupo tentava ligar para os tais números. Resolvemos tomar um café do outro lado da rua enquanto parte do grupo tentava comunicação com os tais números de telefone junto ao portão. Neste momento surgiu uma senhora muito velha e seu cão, que se dirigiu ao portão e o abriu. A senhora contou que é residente da casa na entrada do Monte Testaccio há muito tempo, não lembra quanto. Permitiu-nos entrar até sua casa e desculpou-se por não ter a chave do portão que dava acesso ao cume do Monte, pois esta se encontrava com os arqueólogos que estão estudando o sítio. “Não vou lá em cima faz 30 anos...” – disse ela – “... só tem a vista, mais nada”.

Sem objeções da senhora resolvemos pular a grade, subir a escada e seguir pela alameda que dá para o cume do monte. O ponto mais alto do monte é marcado pela cruz de aço, que foi colocada para sinalizar o local onde terminava a Via Crucis de Sexta Feira Santa, tradição da cidade que foi resgatada recentemente pela paróquia local. Perto da cruz, está um sítio arqueológico com uma escavação de em torno de 20 metros e peças catalogadas no seu entorno. A vista é esplêndida: Roma a 360 graus! O final da tarde se aproximava e as cores de final de verão deixavam a paisagem ainda mais linda, refletindo o sol nos prédios e cúpulas da Cidade Eterna. Neste momento surgiu uma grande cabra marrom, que saltitava e andava em círculos, provavelmente um dos poucos habitantes daquele lugar mágico. Dirigimos-nos ao pé da cruz e sentamos para admirar a vista e conversar sobre os Contramapas, Cartografias Influenciais e a Deriva. Lemos o meu texto sobre os mapas e, a fim de esclarecer

os conceitos de deriva e psicogeografia, nos utilizamos da revista da I.S em italiano que Elisabetta, uma das alunas do LAC puxou de sua mochila enquanto conversávamos com a senhora que nos deu passagem – mais um presente daquela tarde mágica. Ali ficamos, à beira da cruz de aço, conversando e trocando ideias.

Ainda com as luzes do ocaso, nos dirigimos à saída pela alameda cercada de mato que nos levou à escadaria que conduz ao portão de saída do monte, que continuava fechado. Pulamos a cerca novamente e nos dirigimos ao portão que dá passagem para a rua, o qual estava aberto. Ao seu lado, o telefone continuava silencioso.

DERIVAS

Na manhã do segundo dia retomamos as “vidas” e as complementamos com as experiências da deriva do dia anterior. As derivas continuaram, porém de forma individual e em duplas. Instruímos os alunos que escolhessem uma forma de exploração do terreno que pudesse ser traduzida em uma Cartografia Influencial que pudesse ser fotografada.

As Cartografias Influenciais traduziram a forma que cada participante interpretou, de maneira subjetiva, sua experiência de deriva e as formas de acolhimento encontradas no espaço do *mattatoio*. E assim, com as cartografias influenciadas nasceram os contramapas de hospitalidade e acolhimento daquele espaço.

Para a execução dos contramapas os participantes do *workshop* usaram materiais encontrados na própria área do *mattatoio*, que foram reutilizados conforme a proposta de contramapa de cada participante. Alguns participantes agregaram materiais que já tinham à disposição de outros trabalhos da universidade com elementos de lixo reciclável. Canetas, blocos de desenho e impressão de fotos também fizeram parte do repertório ao lado de improváveis materiais como brita e galhos de árvore.

A EXPOSIÇÃO

A montagem da exposição foi finalizada no início da manhã (foto 6). A apresentação da exposição para a comunidade e corpo docente foi marcada para as 12hs.

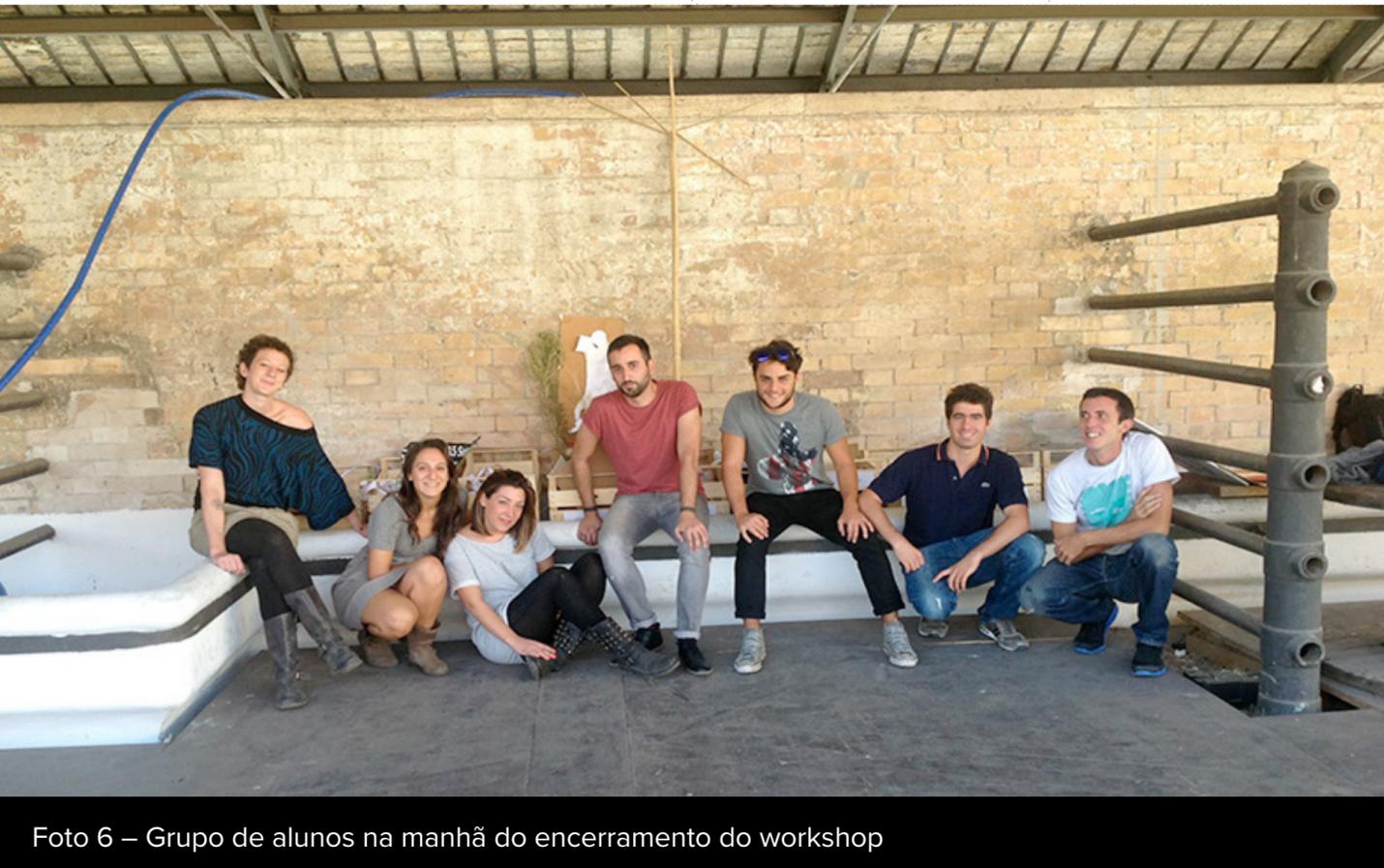


Foto 7 – Caminhando de Lygia Clark na exposição de encerramento

No final do percurso o mapa do espaço do *mattatoio*, que chamamos de Mappatoio (foto 8 na próxima página).

Seguem as fotos com a apresentação dos trabalhos pelos participantes, conforme a ordem da exposição e meus comentários:

LUCA PETRONI – FERRONIA

O aluno buscou com o sentido do olhar o registro do caminho através da fotografia. Seu trabalho resultou em um mapa fotográfico que recria o seu percurso de deriva.

No início do percurso foram colocadas as “vidas”, em caixas individuais (foto 7):



Foto 8 – MAPPATOIO

Aparentemente privilegiando o sentido do olhar, Luca buscou documentar a sensação do todo na ambiência do *mattatoio*, que percebeu como um cemitério tecnológico em um mundo que *era finalmente aberto a uma perene mutação*. Na cartografia de Luca, o acolhimento ocorre junto à perene mutação que permite os humanos colherem os frutos maduros da natureza metálica.



Foto 9 – Luca Petroni – Ferronia

“Quando acordei era a aurora. Não sabia onde me encontrava talvez uma universidade ou um museu, mas era um matadouro, agora desativado: restava a memória de uma tecnologia que não servia mais. O traço de uma revolução eminente nos edifícios destruídos. O mundo era finalmente aberto a uma perene mutação. A natureza havia mudado, restavam ramos de tubos que acolhiam folhas, flores, ervas e frutas de cores nunca vistas. Nós humanos recolhemos as frutas desta natureza metálica: nossa única ocupação era a brincadeira da contemplação.”

ADRIANO MOSIELO – A TERRA SOB NOSSOS PÉS E SEU ENTORNO

Adriano optou por uma deriva às cegas: vendou os olhos ao percorrer os caminhos do *mattatoio*. Ao utilizar os materiais encontrados nos caminhos percorridos com o propósito de eleger o tato como sentido principal de percepção espacial em sua deriva, Adriano demonstrou em sua cartografia a busca da intimidade com o percurso. Talvez seja a forma que Adriano encontrou para buscar alguma forma de acolhimento no espaço do *mattatoio*.



Foto 10 – Adriano Mosiello – A terra sob nossos pés e seu entorno

“Obscuro a vista / Tudo é um vazio / Resta o reflexo do mundo entorno.”

ANGELO DEL GROSSO – NO ENTRY

Angelo percebeu os “fechamentos” do *mattatoio* – para o mundo e entre os mundos que ocupam seu espaço – como a característica espacial mais forte encontrada durante as derivas. O fechamento entre os mundos da cartografia de Angelo a expressão das limitadas possibilidades de acolhimento e hospitalidade no espaço do *mattatoio*: ambos – acolhimento e hospitalidade – são ali extremamente condicionais quando não negados.



Foto 11 – Angelo Del Grosso – No Entry

“Fechamento é o sentimento mais forte que eu tinha andando pelo *mattatoio*... Fechamento e impermeabilidade para o mundo exterior, mas também entre os vários mundos, eu vivo o *mattoio*”.

DANIELE GOSTI – RETÍCULAS RIDÍCULAS

A cartografia de Daniele expressa os diferentes condicionantes do acolhimento e hospitalidade entre as diferentes comunidades que habitam o *mattatoio*. As diferentes singularidades não se comunicam: a possibilidade do espaço do “sim” é negada, enquanto estas habitam a mesma “gaiola” – e por isso a convivência é vista por ele como ridícula. Acolhimento e hospitalidade são condicionados ou negados – nunca incondicionais – e a alteridade renegada.



Foto 12 – Daniele Gosti – Retículas ridículas

“Uma gaiola onde uma parte da malha acolhe a quem chega e a entende, outras se abre só para poucos e ainda partes que são impenetráveis: conjunto de singularidades incapazes de se comunicarem e por isso caem no ridículo.”

ELISABETA RANPAZZO – DERIVA CEGA

Para Elisabetta, sua deriva cega abriu um mundo de percepções sensoriais onde ela percebeu os diversos sentimentos encontrados nos caminhos, que se conectam entre si por coexistirem no mesmo espaço. Negando o sentido do olhar e privilegiando os demais sentidos, Elisabetta acolheu o espaço do *mattatoio*, enquanto era acolhida por ele, de forma jamais “vista”.

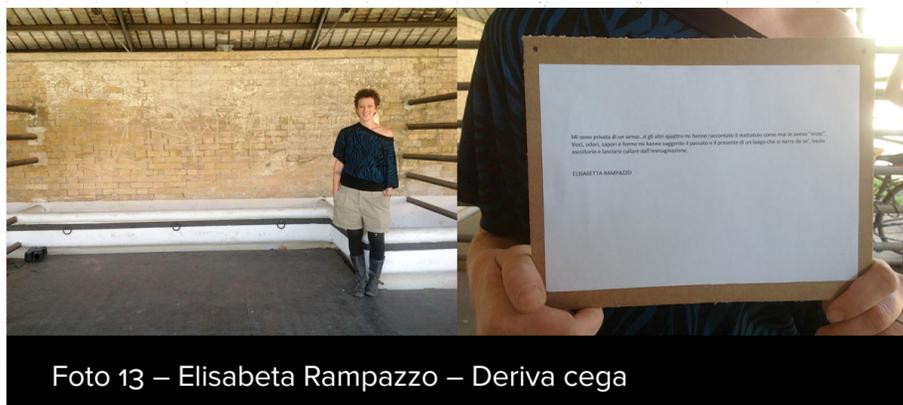


Foto 13 – Elisabetta Rampazzo – Deriva cega

“Privei-me de um sentido... E os outros quatro me mostraram o Mattatoio de uma maneira que eu jamais havia “visto”. Vozes, odores, sabores e formas que sugerem o passado e o presente de um lugar que se narra por si: basta escutar e se deixar embalar pela imaginação.”

ENRICO PERINI – DESENHA-ME O MATTATOIO

O registro de tempo-espaço de Enrico questiona os usos enquanto mostra as diferentes possibilidades espaciais do *mattatoio*. Os desenhos de Enrico podem ser vistos como cartografias das formas de acolhimento – e de negação – praticadas durante a história do sítio.

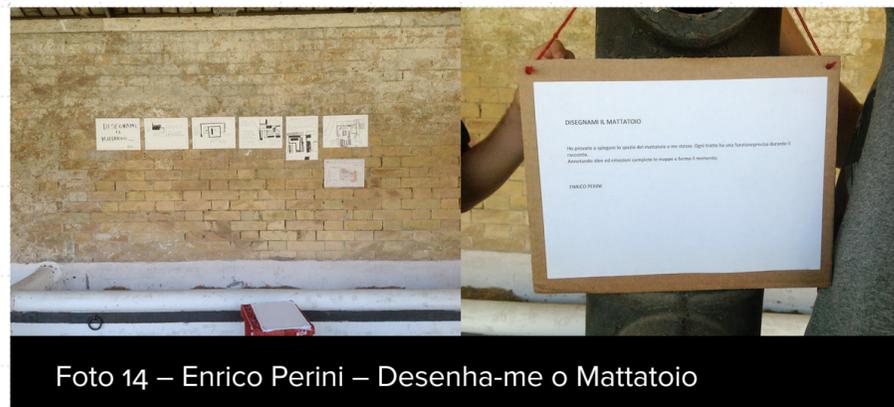


Foto 14 – Enrico Perini – Desenha-me o Mattatoio

“Eu tentei explicar-me o espaço do mattatoio. Cada lugar tem uma função precisa durante a sua história. Anotando ideias e emoções eu completo os mapas e registro o momento neste tempo.”

FRANCESCA LUCIANE – LÓGICA

Luciana chama a atenção em sua cartografia para o “sentimento claustrofóbico” que causam as diversas barreiras nos caminhos, o que dificulta o surgimento do “espaço do sim” entre as diversas apropriações. Neste mapa, a limitação e o condicionamento das formas de hospitalidade e acolhimento chamam a atenção. Por sua vez, a linguagem braile lembra a cegueira: não seriam as barreiras uma forma de esconder o que não se quer ver?



Foto 15 – Francesca Luciane – Lógica

“O mapa mostra em volume os espaços viáveis e utilizáveis pela comunidade em oposição aos representados em planos, “lacunas” das numerosas barreiras que delimitam o uso e expressão. Registra o sentimento claustrofóbico causado pela minoria de espaços livres em relação aos fechados por apropriações. As proporções não refletem as dimensões reais, mas registram os sentimentos do usuário. Os espaços utilizáveis estão em evidência, pela espessura diferente que lembra o idioma braille e as linhas registram o inatingível.”

GIULIA BASSI – DISTÂNCIA/PROXIMIDADE

A cartografia do matattoio através do tato – o sentido que, por sua natureza, mais nos remete à proximidade entre corpos – fez do mapa de Giulia uma experiência de acolhimento pelo expectador. Ao sentir as texturas colocadas nos potes o expectador-participante cria um espaço relacional entre a pele e as sensações estimuladas pelos materiais que representam os espaços cartografados.

A distância física é apenas uma característica de um lugar.

PROXIMIDADE é o que não se caracteriza pela distância física, mas pela nossa capacidade de encurtar distâncias.

Sentimentos, impressões, julgamentos e seus respectivos sons e lugares são traduzidos aqui em uma experiência tátil.



Foto 16 – Giulia Bassi – Distância/Proximidade

GABRIELE AJÓ – MAP BOOK

Os espaços fracionados por barreiras no livro de Gabriele registram a dificuldade de haver acolhimento entre os espaços do *matattoio*. O condicionamento da hospitalidade é evidente nesta cartografia.

Grades metálicas, telas, cerâmicas e outros materiais formam este mapa-livro do *matattoio*.



Foto 17 – Gabriele Ajó – Map Book

“Sente-se e divirta-se levantando e abaixando as barreiras. Se desejar escreva alguma reflexão. Em cima ou embaixo?”



Foto 18 – Conversa de finalização do workshop. À direita da foto ao lado do MAPPATOIO e ao meu lado (atrás da câmera) o Prof. Francesco Careri. Do outro lado do MAPPATOIO Marc Latapie e, à esquerda da foto, Lorenzo Romito, ambos do Grupo Stalker. Os alunos estão no centro da foto.



PRESENTAZIONE DEI LAVORI WALKING MATTATOIO

workshop di esplorazione e mappatura psicogeografica
dell'ex Mattatoio di Testaccio a Roma

VENERDI' 20 SETTEMBRE 2013 ORE 12 MANGIATOIE

A cura di Celma Paese e Francesco Careri

Durante la esposizione houve uma conversa de finalização do *workshop* com a equipe do LAC, docentes da FAU Roma 3, Grupo Stalker e alunos (foto 18 e 19)

Agradeço ao Francesco Careri, Maria Rocco, Emanuela di Felice e toda a equipe de docentes, pesquisadores e alunos do LAC pela acolhida em Roma; ao meu orientador do PROPARG-UFRRGS, Prof. Fernando Fuão e à Prof. Elisabetta Romano da FAU-UFP pela indicação do meu trabalho ao LAC.

Todas as fotos são de autoria de Celma Paese

O material gráfico de divulgação foi produzido pelo LAC